

**FACULDADE DOCTUM DE PEDAGOGIA DA SERRA**

**DARCILIA BARCELLOS MELO DO NASCIMENTO  
SARONA RODRIGUES ROCHA**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO  
PROCESSO EDUCATIVO INFANTIL**

**Serra  
2015**

**DARCILIA BARCELLOS MELO DO NASCIMENTO**  
**SARONA RODRIGUES ROCHA**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO  
PROCESSO EDUCATIVO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à  
Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador (a): Professor(a) Ms. Maria das  
Dores Santos Silva

**Serra**  
**2015**

**DARCILIA BARCELLOS MELO DO NASCIMENTO  
SARONA RODRIGUES ROCHA**

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA ORIENTAÇÃO SEXUAL NO  
PROCESSO EDUCATIVO INFANTIL**

Monografia apresentada à Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em ...../...../2015 pela banca composta pelos professores:

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria das Dôres Santos Silva  
ORIENTADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karla Veruska azevedo  
EXAMINADORA

## **DEDICATÓRIA**

Dedicamos este trabalho a todos que torceram pela nossa vitória, em especial a Deus e toda nossa família.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus, a nossa família e aos professores que nos auxiliaram com competência e profissionalismo, em especial a professora Maria das Dores por todo apoio e compreensão nessa etapa final.

“A criança é o sujeito das infâncias, que se apresentam em realidades atravessadas por desiguais oportunidades de desenvolvimento.”

**SARMENTO (2009)**

## RESUMO

A sexualidade infantil tem sua importância na escola, e essa deve contribuir para que esse tabu venha a ser quebrado até porque a sexualidade está envolvida no bem estar dos alunos, na saúde e é um processo que ocorre durante toda a vida do indivíduo. O objetivo principal é conhecer as práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil em relação a questão da sexualidade em sala de aula. Ao se tratar do descobrimento da sexualidade das crianças há um tabu que se abre perante pais e professores por não saber até onde podem explicar as dúvidas das crianças. É um momento que família e escola se sentem constrangidas em explicar a criança sobre seu corpo, vão adiando ou empurrando um para o outro essa obrigação, família tem medo de aflorar a sexualidade da criança, escola medo de repressões por parte da família. O trabalho é embalsado na visão de alguns autores como: Áries (1978), Louro (1996), Silva (2002) e Foucault (2005) e concluímos que há necessidade de elaboração de visões positivas acerca da sexualidade, do cuidado e conhecimento com seu próprio corpo, dos desejos e atitudes, colaborando para que as crianças vivam sua sexualidade sem culpa, com sujeito, com prazer e responsabilidade.

**Palavras-chaves:** Sexualidade. Família. Escola. Práticas Pedagógicas.

## **ABSTRACT**

Infantile sexuality has its importance in school, and this should contribute to this taboo will be broken up because sexuality is involved in the welfare of students in health and is a process that occurs throughout the life of the individual. The main objective is to understand the pedagogical practices of Early Childhood Education teachers regarding the issue of sexuality in the classroom. When it is the discovery of sexuality of children there is a taboo that opens before parents and teachers for not knowing how far they can explain the doubts of children. It is a time that family and school feel embarrassed to explain the child over her body, will delaying or pushing each other this duty, family is afraid to touch the sexuality of the child, school fear of repression by the family. Work is embalsado in the view of some authors as: Aries (1978), Blonde (1996), Silva (2002) and Foucault (2005) and concluded that there is need for development of positive views about sexuality, care and knowledge with your own body, desires and attitudes, working for the children to live their sexuality without guilt, with subject, with pleasure and responsibility.

Keywords: Sexuality. Family. School. Pedagogical Practices.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2 A CRIANÇA E SUA INFÂNCIA.....</b>	<b>12</b>
2.1 CONTENTUALIZANDO A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	17
2.2 DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA.....	19
<b>3 A EDUCAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA.....</b>	<b>22</b>
3.1 GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
3.2 AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS DA CRIANÇA NA VIVÊNCIA ESCOLAR.....	25
3.3 PARÂMETROS CURRICULARES E EDUCAÇÃO SEXUAL: A TRANSVERSALIDADE NA ABORDAGEM DO TEMA.....	28
<b>4 EXPERIÊNCIAS SOBRE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>31</b>
4.1 OBSERVAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR.....	34
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

As manifestações da sexualidade podem aflorar em todas as faixas etárias do desenvolvimento da criança. Ignorar, ocultar ou reprimir é baseado na ideia de que a sexualidade é assunto para ser abordado somente pela família porque todos temem conversar com as crianças sobre sexualidade. É um assunto ainda proibido, constrangedor e confuso para alguns. Os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam a importância da inclusão nos currículos escolares de orientação sexual como tema transversal, tendo como objetivo a reflexão e discussões de toda equipe escolar e também pais e responsáveis por alunos, tendo por finalidade abranger a questão da sexualidade do educando.

Este trabalho tem o objetivo de discutir a sexualidade na Educação Infantil, uma vez que as crianças estão na fase da descoberta cada vez mais cedo, professores e pais não sabem como intervir quanto aos comportamentos e indagações das crianças. A mídia e as tecnologias vêm avançando cada vez mais e assim interferindo nos valores. O que antes era imoral hoje se torna moral e a questão central é como orientar as crianças em tempos de complexidade e velocidade nas informações de forma que esses sujeitos possam torná-los sem culpa, sem medo e respeitando a humanidade.

Diante dos desafios acima expostos, pretende-se com este estudo, fomentar a discussão acerca da importância da orientação sexual no desenvolvimento infantil. No contexto escolar e familiar, educadores e pais se deparam frequentemente com manifestações da sexualidade da criança. Manifestações essas, quando a criança começa a conhecer seu corpo e percebe que o amigo tem um órgão genital diferente do seu, então se iniciam uma etapa de questionamentos e inúmeras perguntas.

Emerge assim, a necessidade de preparo e conhecimento por parte de pais e educadores, no sentido de tornar essas curiosidades, momentos de aprendizado e de esclarecimentos para a criança, não no intuito de “tornar precoce” essa sexualidade, mas galgando por um desenvolvimento saudável com orientações compatíveis à idade e maturidade infantil.

O Brasil vem desenvolvendo trabalhos na área da sexualidade dentro da escola, pois tem percebido a necessidade de instruir desde a educação infantil. Entretanto para isso é preciso despertar no professor um olhar para sala de aula e levá-lo a perceber que a sexualidade está presente em nossas vidas. (SILVA, 2002). Não é imoral, não é pecado, é humano.

Mesmo diante de uma sociedade contemporânea em que as informações circulam há todos instantes e são de fáceis acessos, pais e até mesmo professores tentam fugir a todo o momento das indagações que as crianças lhes fazem, porque há o receio de estar incentivando a sexualidade infantil.

Entretanto, os mesmos não podem fugir dessa responsabilidade e nem mesmo esconder das crianças o que elas têm a descobrir. Entendemos que não se deve induzir ou incentivar a criança a fazer perguntas sobre sexo. É preciso que ela se sinta à vontade para externar suas dúvidas ou colocações nos momentos em que as mesmas despertem suas curiosidades. Nesse sentido buscar-se-á uma linguagem compatível e acessível sem assustá-las ou inibi-las.

Observa-se uma constante transferência entre a família e escola no que tange à responsabilidade de esclarecer as dúvidas apresentadas pelos alunos, entretanto deve ser levado em conta que se criança tem idade para perguntar, provavelmente está em condição de ouvir a resposta. Uma pergunta pode levar a vários esclarecimentos e os professores ou pais devem buscar compreender os motivos que levam a criança a questionar para melhor orientá-la. Elucidar questões apresentadas pela criança pode ser ações preventivas e essenciais na formação, desenvolvimento e contribuição da identidade na infância.

Atender à curiosidade sexual da criança não é tarefa fácil, mas pode ser executada de forma que inspire confiança e restabeleça a segurança emocional, eliminando dúvidas e temores. Os pais devem respeitar o nível de curiosidade e não ir além, para não gerar ansiedade na criança, uma vez que a criança aprende e desenvolve observando o pai e a mãe e a forma como é tratada por todos. O processo de educação sexual acontece durante toda a vida do indivíduo, do mesmo modo como todas as outras descobertas e curiosidades apresentadas pelas crianças.

Diante do acima exposto, pretendemos com essa pesquisa refletir as discussões acerca de alguns questionamentos tais como: até onde a escola deve orientar e instruir seus alunos? Como a escola deve agir diante das dúvidas das crianças sobre sexualidade?

Refletiremos ainda sobre possíveis fatores que tem dificultado o trabalho dos profissionais ao lidarem com situações que envolvam temas relacionados à educação sexual da criança e por fim, como tais profissionais sentem-se diante deste tema, e quais as qualificações que os mesmos têm sobre sexualidade, e por último como a mídia tem interferido na educação das crianças, se tem ajudado ou não na formação de cidadãos.

## 2A CRIANÇA E SUA INFÂNCIA

A infância no Brasil no período colonial foi marcada pelo ensino jesuítico. Os jesuítas dedicaram a duas tarefas a pregação e o trabalho educativo com o intuito de catequizá-los com uma educação voltada para a fé com a tradição católica. Os índios que antes da chegada dos jesuítas viviam livres, correndo pela natureza, passaram a ter que seguir regras, com horário para todas as tarefas, rezar, cantar e só depois podiam ter seu tempo de lazer. (NUNES, 2006).

Os jesuítas foram os primeiros a criar um espaço com intenção de alfabetizar para poder catequizá-los. As crianças tinham um tratamento rigoroso, acreditavam que nessa idade a criança assimilava melhor as regras de disciplina e fé, aprendiam a língua portuguesa e gramática com memorização de perguntas e respostas. Tinham todas as obrigações da religião: confessavam seus pecados, rezavam em latim e cantavam mesmo não entendendo o que estavam dizendo, passando a negar sua própria cultura. A história da educação brasileira teve alterações no século XVII com as escolas dominicais que preparavam as crianças para a catequese para receberem alguns sacramentos e a infância viveu muitas fases antes nunca vividas. (NUNES, 2006).

De acordo com Santos (2003) durante todo o período colonial, os jesuítas mantiveram suas escolas, contavam também com esmolas dos ricos e de alguma ajuda da coroa portuguesa. Quando os jesuítas foram expulsos através da ordem do marques de Pombal em, 1759, a escola passa por mudanças, contratam-se professores leigos para ensinar os alunos. Para manter a escola começa a ocorrer cobrança de impostos sobre o sal, o vinagre, o vinho dentre outras coisas para que pudessem custear a educação.

Segundo Ghiraldelli (1997, p. 112),

Entre os anos quinhentos e o final dos setecentos, ou seja, entre o renascimento/Reforma e a Revolução francesa, destina-se entre os adultos um novo sentimento em relação às crianças, do qual emerge a noção de infância que paulatinamente, se estabelece nos meios letrados, fator importante na reorganização da educação, da escola e, mais tarde da vida familiar.

Segundo Sabini (2001) foi a partir do século XVII que a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura, ou seja, nesta época as crianças até os sete (7) anos recebiam cuidados especiais, depois desta idade desenvolviam o mesmo trabalho que os adultos, como por exemplo, as de classes menos favorecidas trabalhavam no campo. Sendo assim, nesta época não havia infância moderna, as crianças eram obrigadas a trabalhar e a conviver no meio dos adultos e agirem da mesma maneira que os mesmos.

Portanto a partir do século XVIII a criança começa a ter seu espaço respeitado e passa a ser vista como criança e não como um adulto em miniatura, que participava de festas e orgias, a partir de então isso começa a ser visto como algo maléfico a formação do caráter e da moral, (SABINI, 2001).

De acordo com Fourier (2002) a infância surgiu no século XVIII que inventaram a infância. A sociedade em que adultos e crianças encontram-se misturados nos trabalhos, nas diversões, nas festas e cerimônias, cede o lugar onde nossa infância, cuidadosamente segregada, torna-se um objeto específico de atenção no plano social: daí em diante, suas tarefas e brincadeiras terá único objetivo de contribuir para a própria formação.(p. 17).

Uma vez que as crianças não poderiam mais participar dos mesmos eventos que os adultos emergem neste mesmo século (XVIII) uma literatura destinada especialmente às crianças, com o intuito de prepara-las para a fase adulta. Neste contexto, a infância vai ganhando cada vez mais espaço na sociedade, a partir de então a sexualidade começa a ser vista como algo sujo, mal, pecaminoso, sendo difícil aceitar sua presença em seres tão inocentes quanto às crianças. (CUNHA, 1999).

Segundo Oliveira (2005) em 1874 surge no Brasil à casa dos expostos ou roda, que visava atender crianças geradas, de relacionamentos entre escravos ou entre escravos e seus senhores. Esse era um meio de esconder filhos de senhores com seus escravos, também por haver a inexperiência da família para cuidar das crianças, mas o principal motivo desta roda era combater a mortalidade infantil.

Historicamente, a educação brasileira sempre esteve voltada para atender as necessidades da elite. Portanto os jardins de infância surgiram no setor privado para atender as necessidades dos mesmos. Os jardins de infância chegam ao Brasil através do trabalho de Brow e Peabody, que seguiam a linha de pensamento de Froebel, que foi o criador dos jardins de infância no século XIX. (ARCE, 2002).

No ano de 1896 surge um jardim de infância do setor público voltada para atender às crianças da burguesia localizada em São Paulo, organizada por Gabriel Prestes, no entanto não atendia às crianças de poder aquisitivo baixo. (ANDRADE, apud KUHLMANN, 2001).

As escolas públicas que existiam eram poucas e somente frequentadas por filhos de famílias de classe média, os pais que eram ricos contratavam preceptores, que na maioria das vezes eram estrangeiros, para que ensinassem seus filhos em casa ou em escolas particulares. A cada época a criança se molda de acordo com a sociedade em que vive, e em cada época teremos um perfil de criança diferente, tornando assim um grande desafio para as famílias e a escola. (LEMMER, 1997).

Segundo Oliveira (2005) em 1923 emerge um decreto que prevê a fundação de creches e salas de amamentação próxima ao local de trabalho das mães. As creches tinham a incumbência apenas de guardar as crianças, seguiam um padrão hospitalar e quem zelava por elas eram profissionais da saúde.

Portanto, as creches dessa época não tinham nenhuma proposta educacional, as crianças apenas estavam ali para que suas mães pudessem trabalhar. Era uma concepção assistencialista uma vez que a creche era concebida como um direito para a mulher trabalhadora, e não como um direito do trabalhador em geral, ou mesmo da criança.

Segundo Andrade (apud, KUHLMANN, 2001, p. 82).

A pedagogia das instituições educacionais para os pobres é uma pedagogia da submissão, uma educação assistencialista marcada pela arrogância que humilha para depois oferecer atendimento como dádiva, como favor aos poucos selecionados para receber.

Em 1923 ocorre uma legislação a respeito do trabalho feminino que obrigava as empresas particulares com mais de 30 mulheres empregadas, acima de 16 anos, a garantir creches para os filhos das mesmas. Entretanto, essa lei referia-se apenas ao período de amamentação. Com a falta de fiscalização, muitas empresas não cumpriram essa obrigação (OLIVEIRA, 2005).

Através do I Seminário sobre creches no estado de São Paulo em 1966, promovido pela Secretaria do Bem Estar Social, nasce o conceito de creche que fica sendo: “Um serviço que oferece um potencial capaz de garantir o desenvolvimento infantil, compensando as deficiências de um meio precário das famílias de classe trabalhadora”. (HADDAD; OLIVEIRA, 1990, p. 109).

Segundo Rosemberg (2002), nos anos de 1970, a educação infantil vira pauta do movimento social por meio da luta por creches. A autora cita três marcos importantes da educação infantil. O primeiro ocorreu no fim dos de 1970 e início dos anos de 1980, é caracterizado pela influência da UNICEF e UNESCO na educação infantil. Os modelos de educação infantil de massa divulgada por esses organismos contribuíram para as criações de programas e projetos destinados especialmente aos mais carentes e às regiões mais empobrecidas.

O segundo período começou após a ditadura militar. O Ministério da Educação preocupa-se com uma educação infantil onde o foco passa do assistencialismo para o ensino. Emerge a necessidade de creches também para a classe média, que se juntava ao trabalho feminino.

Em 1988 é reconhecido legalmente o direito da criança à educação com a promulgação da Constituição Brasileira. A creche passa então a ser direito universal das crianças de 0 a 6 anos.

O terceiro período da história da educação brasileira é marcado pelas transformações da globalização e das políticas neoliberais. Ocorre a aprovação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB, 1996) que garante a educação infantil como finalidade de desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da sociedade. (ROSEMBERG, 2002)

Segundo Cória-Sabini (2001) até no século XIX as classes menos favorecidas continuavam a fazer pouca distinção entre crianças e adultos, as mesmas aprendiam um ofício ou trabalhavam no campo, e casavam-se no início da adolescência. Esta realidade só mudou no momento em que perceberam que muitas crianças não sobreviviam a estas coisas.

Sendo assim, a nova sociedade, ao contrário, assegurava a cada gênero de vida um espaço reservado, cujas características dominantes deveriam ser respeitadas. A fim de traçar a História Social da Criança e da Família, Áries (1981), registrou que na sociedade medieval, a distinção de fato não existia entre adultos e crianças, pois compartilhavam não só trabalho.

Dessa forma, ao longo dos séculos XVII e XVIII, foi surgindo um novo conceito de infância mostrando que a criança precisa ser educada e ter uma moral preservada, além de receber um tratamento diferenciado em relação aos adultos.

Através desse estudo, o autor Áries (1981) salientou que a família moderna, ao contrário, separa-se do mundo e põe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda a energia do grupo é consumida na promoção das crianças cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças mais do que família.

Tal mudança é vista nos dias de hoje, pois se espera que as crianças estudem, apesar de que ainda há muitos casos de gravidez na adolescência, mas não é isso que esperamos dos nossos jovens, esperamos que se forme que tenham sua profissão para depois pensar em formar uma família.

No entanto, por pensarem desta maneira muitos pais e até mesmo gestores não querem instruir sobre a educação sexual, não levam em consideração que a partir dos três anos de idade a criança começa a demonstrar interesse sobre assuntos relacionados à sexualidade. Infelizmente muitos pais reprimem tal postura das crianças quando deveriam orientá-los sem confundir com informações desnecessárias. (SABINI, 2001).

## 2.1 CONTEXTUALIZANDO A SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

No contexto escolar e familiar, educadores e pais se deparam frequentemente com manifestações da sexualidade da criança. Manifestações essas quando a criança começa a conhecer seu corpo e percebe que o amigo tem um órgão genital diferente do seu, e então se inicia uma etapa de questionamentos e inúmeras perguntas.

Emerge assim a necessidade de preparo e conhecimento por parte de pais e educadores, no sentido de tornar essas curiosidades momentos de aprendizado e de esclarecimentos para a criança, não no intuito de “tornar precoce” essa sexualidade, mas galgando por um desenvolvimento saudável com orientações compatíveis à idade e maturidade infantis.

Segundo Nunes; Silva (2006),

O papel do educador é o de interferir, no limite da competência na crítica aos modelos repressivos/ permissivos para a construção de uma sexualidade humanizada, erótica e lúdica, só possível em uma relação de confiança e afeto.(p. 83)

Contextualizando a problemática levantada, por volta do século XII, a infância era totalmente desconhecida, por falta de capacidade e inexperiência dos adultos em lidar com a infância. No que tange às dúvidas sobre sexualidade apresentadas pelas crianças, ao completarem cinco anos, as mesmas recebiam explicações de como nasciam os bebês. As brincadeiras neste contexto histórico eram grosseiras, com utilização inclusive de gestos obscenos. Isso se dava principalmente pelo fato da criança ser considerada uma miniatura dos adultos, e que se evidenciava inclusive no vestuário (usavam por pouco tempo roupas de bebês ou infantis, e passavam a usar roupas de adultos). (ÁRIES, 2012).

Trazendo a discussão para o contexto atual, os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre pluralidade cultural/orientação sexual pretende-se abarcar:

Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, isto é, discorre sobre o papel e a postura do educador e da escola, descrevendo, para tanto, as referências necessárias a melhor atuação educacional ao se tratar do assunto, trabalho que se diferencia do tratamento da questão no ambiente familiar. (BRASIL, 1997, p. 73).

As manifestações da sexualidade podem aflorar em todas as faixas etárias do desenvolvimento da criança. Ignorar, ocultar ou reprimir é respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na ideia de que a sexualidade é assunto para ser lidado somente pela família.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam a importância da inclusão nos currículos escolares de orientação sexual como tema transversal, tendo como objetivo a reflexão e discussões de toda equipe escolar e também pais e responsáveis por alunos, tendo por finalidade abranger a questão da sexualidade do educando.

O Brasil vem desenvolvendo trabalhos na área da sexualidade dentro da escola, pois tem percebido a necessidade de discutir e refletir desde a Educação Infantil. Entretanto para isso é preciso despertar no professor um olhar para sala de aula e levá-lo a perceber que a sexualidade está presente em nossas vidas. (SILVA, 2002).

Mesmo diante de uma sociedade contemporânea em que as informações circulam atodo instante e são de fácil acesso, pais e até mesmo professores tentam fugir a todo o momento das indagações que as crianças lhes fazem, porque há o receio de estar incentivando a sexualidade infantil.

Entretanto, os mesmos não podem fugir dessa responsabilidade e nem mesmo esconder das crianças o que elas têm a descobrir. Entendemos que não se deve induzir ou incentivar a criança a fazer perguntas sobre sexo. É preciso que ela se sinta à vontade para externar suas dúvidas ou colocações nos momentos em que as mesmas despertem suas curiosidades.

Nesse sentido buscar-se-á uma linguagem compatível e acessível sem assustá-las ou inibi-las. A mídia tem explicado coisas que pais e até professores não conversam com as crianças como, por exemplo, explicar com clareza de onde vêm os bebês e como são feitos. Com isso as crianças são despertadas para algo que naturalmente só mais tarde virá ocorrer. A questão é quem está educando as crianças a mídia, a família ou a escola?

Observa-se uma constante transferência entre família e escola no que tange à responsabilidade de esclarecer as dúvidas apresentadas pelas crianças, entretanto deve ser levado em conta que se criança tem idade para perguntar, provavelmente está em condição de ouvir a resposta. Uma pergunta pode levar a vários esclarecimentos e os professores ou pais devem buscar compreender os motivos que levam a criança a questionar para melhor orientá-la.

Elucidar questões apresentadas pela criança pode ser ações preventivas e essenciais na formação, desenvolvimento e contribuição da identidade na infância.

Os trabalhos já existentes de Orientação Sexual nas séries iniciais do primeiro grau (primeira a quarta séries) indicam que as questões trazidas pelos alunos são predominantemente ligadas à compreensão de informações sobre sexualidade. A curiosidade gira em torno da tentativa de compreender o que é o relacionamento sexual, como ele ocorre, as transformações no corpo durante a puberdade e os mecanismos da concepção, gravidez e parto [...] (BRASIL, 2000, P. 137).

Atender à curiosidade sexual da criança não é tarefa fácil, mas pode ser executada de forma a inspirar confiança e restabelecer a segurança emocional, eliminando dúvidas e temores. Os pais devem respeitar o nível de curiosidade e não ir além, para não gerar ansiedade na criança, uma vez que a criança aprende e desenvolve observando o pai e a mãe e a forma como é tratada por todos. O processo de educação sexual acontece durante toda a vida do indivíduo, do mesmo modo como todas as outras descobertas e curiosidades apresentadas pelas crianças.

## 2.2 DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA

As crianças muito cedo começam a descobrir seu corpo mesmo sem ter conhecimentos esclarecidos e sem mascaração tenham o intuito de descobrir que a menina é diferente do menino, isto, esse assunto é comum surgir no cotidiano da criança. Na escola a educação propriamente sexual não é relatada frequentemente, mas o preparo para ela começa no berço, com a alimentação disciplinada, exercícios físicos, ambiente tranquilo, noções de respeito e responsabilidade, contanto com o carinho maternal e paternal, portanto, por meio do amor, da afeição, do carinho e da segurança, a criança vai começar a se fortalecer e a se preparar solidamente para o futuro.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional de Orientação Sexual (PCN, 1997, p.124),

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar a educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a Orientação Sexual incluída na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores do trabalho. No diálogo entre a escola e as famílias, pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e, ao ser objeto de discussão na escola, possibilite a troca de ideias entre esta e as famílias. O apoio dos pais aos trabalhos desenvolvidos com os alunos é um aliado importante para o êxito da Orientação Sexual na escola.

O PCN de Orientação Sexual tem o intuito de orientar gestores e professores, quanto a questões sobre a sexualidade, uma vez que não se pode negar o saber a ninguém. A equipe escolar deve estar preparada para responder às dúvidas e questionamentos por parte do aluno e até mesmo da família que em grande maioria não sabe como falar de sexualidade com seus filhos e conseqüentemente acaba depositando na escola essa responsabilidade.

Às vezes, professores e pais desejam uma resposta que lhes permita uma repressão efetiva dessas manifestações, pois muitos ainda não perceberam que não há nada de errado com o comportamento sexual da criança, errada é nossa forma de percebê-la, outros batem nas crianças, contam a história que já sabem.

Cabe à escola preparar os educadores de modo que tenham o conhecimento do assunto para que orientem as crianças de maneira clara e correta, não reprimindo, e sempre com atenção aos excessos.

Compreende-se, portanto que cabe a escola por meio da formação continuada, instrumentalizar aos educadores a formação/qualificação nesta temática. Sendo assim, pode-se escolher ensiná-la que a sexualidade é algo bonito e responsável ou que é algo proibido, feio e pecaminoso. O caminho que escolhemos será definitivo para sua felicidade futura.

Mas antes de qualquer aula ou explicação, a escola precisa preparar sua equipe e pais porque este é um tema delicado e que ainda existem muitos preconceitos em torno, pois somos educados para entender que o sexo é sujo e nojento, então temos que primeiro quebrar este paradigma da cabeça dos gestores e dos pais.

Sabendo que os mesmos vivenciaram outra geração, onde crianças não tinham este entendimento sobre sexo onde perguntas ou dúvidas poderiam gerar castigos, mas hoje em dia elas sofrem inúmeras influências como, por exemplo: mídia, amigos, parentes, empregadas, babás, muitas vezes recebem informações erradas que podem prejudicar seu desenvolvimento.

Os educadores não devem se omitir, mas sim orientá-las para brincadeiras e comportamentos adequados mais sem reprovar as curiosidades sexuais das crianças.

### 3A EDUCAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA

Muitos são os desafios a serem enfrentados no que tange à orientação sexual da criança. Este estudo tem o intuito de defender que as descobertas das crianças sobre sexualidade devem ser esclarecidas para que a mesma conheça seu próprio corpo.

Nos últimos anos o assunto sexualidade tornou-se tema de pesquisa, debates e relatos. A mídia tem sido uma das principais veiculadoras de informações acerca da sexualidade o que tem substituído o papel da família no processo de orientação sexual.

Segundo Cória-Sabini,

Os psicólogos defendem que a má informação sobre o sexo tende a deformar a visão da pessoa a respeito do assunto e isso repercute em toda sua vida, sobretudo no ajustamento ao matrimônio. Além disso, as crianças passam a obter esclarecimentos em fontes inadequadas que geralmente apresentam informações distorcidas. Por isso é conveniente que a escola e os pais deem respostas francas às perguntas das crianças (1991, p. 88).

Acreditamos que a educação, não propriamente sexual, inicia-se no seio da família e, portanto, por meio do amor, da afeição, do carinho e da segurança, a criança tem condições de desenvolver de forma saudável sua expectativa acerca do futuro.

Segundo Cória-Sabini (1991), a criança nos primeiros anos, está mais interessada em aspectos gerais da reprodução. Ou seja, as perguntas frequentes são: de onde vêm as crianças? Por que meu amigo é diferente de mim que sou menina?

A equipe escolar deve estar preparada para responder às dúvidas e questionamentos por parte das crianças e até mesmo da família que algumas vezes não sabe como falar de sexualidade com seus filhos e conseqüentemente acaba depositando na escola essa responsabilidade.

Segundo Poppi; Monzini (1999), no momento em que a criança pergunta como as crianças nascem ou como são feitos, na verdade elas desejam entender de forma simples os fatos naturais do desenvolvimento.

Muitos pais ou professores, de forma errônea, tentam contar uma história em que a criança pode não compreender e gerar ainda mais dúvidas.

Na década de 70 e meados dos anos 80, a educação sexual é vista pelos educadores como um fator importante na formação do indivíduo. A escola deve estar pronta para explicar, usando os termos científicos adequados, não cabendo mais a improvisação dos docentes nos tempos atuais.

Os processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades sociais vêm ocupando a agenda política e acadêmica de muitos/as estudiosos e estudiosas críticos/as há várias décadas. Observações e análises contundentes foram desenvolvidas – a princípio especialmente sob a ótica das distinções de classe- e resultaram na produção de teorias, de propostas pedagógicas, de práticas educativas. (LOURO, 1996, p. 110).

Os educadores devem orientar os alunos de maneira clara e correta, não reprimindo, e ao mesmo tempo com atenção aos excessos. Emerge, portanto a importância da formação continuada e instrumentalização dos educadores nesta temática.

Segundo Brasileiro (2001 p. 5):

A educação sexual no Brasil pode ser dada pelos professores hoje, mas torna-se necessário que, além dos conhecimentos científicos relacionados à reprodução, as questões vinculadas ao comportamento sexual, individual e social sejam debatidas e analisadas. Esse sistema de educação sexual e efetiva possibilitará aos educadores e educandos melhor entendimento de suas características psicosssexuais.

Portanto é necessária a formação do profissional, para que o mesmo possa explicar as questões sobre sexualidade, de forma clara e objetiva. A instituição escolar deve estar preparada para tratar e lidar com o assunto da mesma forma que os professores e funcionários uma vez que é parte fundamental neste desenvolvimento infantil.

### 3.1 GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste tópico explanaremos sobre corpo, gênero e sexualidade na Educação Infantil, no entanto, antes, explicaremos o que é matriz e o que é corpo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual.

O organismo refere-se ao aparato herdado e constitucional, a infraestrutura básica biológica dos seres humanos. Já o conceito de corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda experiência na interação com o meio. O organismo atravessado inteligência e desejo mostrará um corpo. No conceito de corpo, portanto, estão incluídas as dimensões da aprendizagem e todas as potencialidades do indivíduo para apropriação das suas vivências. (BRASIL, 1997, p. 139).

A criança adquire experiências através das suas vivências com o meio, portanto na escola onde há a interação com outras crianças da mesma faixa etária as crianças vão se descobrindo através de brincadeiras no cotidiano escolar. O professor deve intervir de forma investigativa para que possa entender o que está acontecendo com o este aluno até mesmo para descoberta de situações de abuso sofrida pela criança. O mesmo deve trabalhar com a conscientização do cuidado com corpo uma vez que quando as crianças conhecem seu corpo despertam nela o cuidado com o mesmo. (PCN, 1997).

Para entendemos o que é gênero precisamos entender seu conceito baseados no Parâmetro Curricular Nacional (PCN),

[...] O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das ações de “masculino” e “feminino” como construção social [...]. Todas as diferenças existentes no comportamento de homens e mulheres refletem-se na vivencia da sexualidade de cada um, nos relacionamentos a dois e nas relações humanas em geral. (BRASIL, 1997, p.144)

Os pais sempre querem mostrar a diferença de menino e menina, porque vivemos em uma sociedade em que não é aceito que mulheres e homens tenham a mesma igualdade, ou seja, ainda há muitos preconceitos a serem derrubados a este respeito.

Através de explicações sobre gênero o professor pode aprofundar sobre o tema da sexualidade, essas manifestações aparecem no dia a dia em sala de aula através de brincadeiras ligadas à sexualidade, e neste momento que o professor entra para maiores explicações e descobrimentos por parte dos alunos (BRASIL, 1997).

### 3.2 AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS DA CRIANÇA NA VIVÊNCIA ESCOLAR

Neste tópico dissertaremos sobre os desafios e anseios dos professores e pais, quanto à manifestação sexual da criança. Segundo Ribeiro (1996), o ser humano sexuado inicia seu autoconhecimento desde bebê, ou seja, a descoberta da sexualidade do bebê é espontânea e natural, por exemplo, ao sugar o seio da mãe, e ao tomar mamadeira.

Posteriormente no falar e andar, a criança recebe estímulos e a sexualidade age de modo oculto direcionando as estruturas de personalidade da criança até que chegue à fase adulta. O processo de educação sexual acontece durante toda vida do indivíduo, do mesmo modo como todas as outras descobertas e curiosidades apresentadas pelas crianças.

O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações não só curativas, mas também preventivas. A escola deve então atuar de forma integrada com os serviços públicos de saúde da região. (BRASIL, 2000, p.141).

Na sexualidade infantil as manifestações mais frequentes acontecem com a carícia do próprio corpo, brincadeiras com os colegas, curiosidade sobre o corpo do outro, perguntas ou reprodução de gestos, pois nessa fase a criança está em processo de construção da sua sexualidade.

No âmbito escolar não é diferente cabendo ao professor buscar a forma mais adequada de intervenção e orientar o aluno sobre as normas do convívio escolar, explicando o que é adequado e tendo compreensão de que essas manifestações são comuns, que a sexualidade infantil precisa de cuidados e atenção por parte dos professores. (BRASIL, 1997).

De acordo com Freud toda a função sexual vem desde o início da vida, algumas ideias dominantes que afirmam que é somente na puberdade, mas para Freud é logo após o nascimento, é um processo longo período do desenvolvimento da sexualidade desde o nascimento até a fase adulta. (BOCK, 2013).

Na fase dos três anos a criança retém a urina como forma de prazer, estímulo e satisfação, por contrair os órgãos sexuais que provoca prazer esse fato acontece tanto entre meninos quanto nas meninas. Deve ser acompanhado por um adulto sem repreender a criança, mas de uma forma educativa.

Na educação infantil é muito comum a criança relatar sobre o namoro. A idade que acontece com maior frequência é dos cinco aos dez anos de idade. Fazem comentário de que estão namorando alguém, sem contar a descoberta do beijo, pois são estimulados pela cultura ou mídia, e costumam fazer por imitação.

O ato de a criança desenhar o órgão genital e dar nomes é conhecido como fetichismo (NUNES; SILVA, 2006).

Entendemos por fetichismo uma determinada atitude de cristalizar a curiosidade sobre os órgãos genitais e suas representações. Há certa fixação em desenhá-los e nomeá-los publicamente. Aparece também por volta dos sete anos a fetichização do pênis ou da vulva/vagina e seus correlatos simbólicos, (calcinha, cuecas, "camisinhas") ou outros símbolos genitais. (NUNES; SILVA, 2006, p. 82).

Nesta fase do fetichismo as crianças têm muita curiosidade e passam a observar seu próprio corpo e querer tocar as partes íntimas uns dos outros, essa curiosidade vai dos meninos que observam as meninas no banheiro, olhar a cor da calcinha, levantar a saia das meninas, essa forma de curiosidade é a exploração do corpo do outro. (NUNES; SILVA, 2006).

Vale ainda ressaltar as contribuições de Freud, no que tange às fases de desenvolvimento da sexualidade na criança. De acordo com este autor, a sexualidade ocorre nas crianças quase sempre desde o nascimento, portanto a criança deve ser orientada desde a infância, para que a mesma possa entender o que acontece com seu corpo.

A sexualidade infantil, Freud postula a existência na sexualidade humana de impulsos presentes desde a infância, os chamados impulsos ou pulsões parciais, que desempenham importante papel na educação. (CARRARA, Kester.org, 2004).

Segundo Freud que é considerado o "Pai da Psicanálise", existem algumas fases ou etapas definidas que seriam vivenciadas pela criança do seu nascimento até os dez anos de idade no desenvolvimento da sua sexualidade. Baseado nestas fases Nunes e Silva (2006) relata o desenvolvimento psicosssexual da criança.

A fase oral: Período: de 0 a 1 ano. Esta fase é do nascimento até um ano de idade, onde a criança inicia a sua adaptação com meio. É pela zona buco labial que a criança tem contato com o mundo, por esta razão levam todos os objetos a boca que também é principal fonte de prazer. O seio materno é fonte de alimento, mas que proporciona contentamento ao bebê.

A fase anal: Período 1 a 3 anos. Fase em a criança sente prazer em produzir as fezes e urina, onde passa a andar e falar e adquirir total controle dos esfíncteres à zona de maior prazer é o ânus e a criança nesta fase já começa a entender sobre higiene.

A fase fálica: Período de 3 a 6 anos. Fase em que se manifesta a curiosidade infantil passa a observar a diferença dos sexos, a masturbação nesta fase é mais frequente, e já possuem a descoberta da identidade sexual, período de negação a menina manifesta a inveja do pênis e o menino nega a castração.

Fase de latência: Período de 6 a 9 anos. Fase onde ocorre a diminuição do impulso sexual a criança transfere toda sua energia para a vida social, escola, amigos.

A fase genital tem início por volta dos 10 anos, o desejo não está mais no seu corpo e sim no corpo do outro, período de maturidade por ser a fase de transformação no corpo.

Freud destaca libido como uma energia que move o ser humano na direção do prazer, seja ela uma criança pequena, seja um homem feito. Cunha (2003, p.26) relata que “libido é uma energia de natureza sexual, componente do id, presente no ser humano desde o nascimento, e é ela que impulsiona a pessoa em busca de satisfação”.

A partir das fases Freudianas citadas, entende-se que a criança passa por várias mudanças e para tanto é preciso que os pais e professores saibam como lidar e ajudar as crianças a entenderem as manifestações e mudanças que ocorrem em sua vida, que é sem intencionalidade ou malícia.

Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta, existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes. (NUNES; SILVA, 2006, p.52).

Entretanto, para que a criança consiga passar por esta fase sem traumas ou constrangimentos, é preciso que aconteça a educação sexual, principalmente no que se refere à educação infantil que é a origem de todo o processo. Pode-se escolher ensiná-la que a sexualidade é algo bonito e responsável ou que é algo proibido, feio e pecaminoso. O caminho que escolhermos será definitivo para sua felicidade futura. Mas antes de qualquer aula ou explicação, a escola precisa preparar sua equipe e os pais, pois é um tema delicado marcado por muitos preconceitos. É necessário quebrar os paradigmas que gestores e pais vivenciaram em outras gerações quando, perguntas ou dúvidas geravam castigos. As crianças sofrem inúmeras influências como, por exemplo: mídia, amigos, parentes, e neste contexto interativo podem receber informações errôneas que podem prejudicar seu desenvolvimento. Os educadores não devem se omitir, mas sim orientá-las sem reprovar suas curiosidades inclusive sobre sexualidade.

### 3.3 PARÂMETROS CURRICULARES E EDUCAÇÃO SEXUAL: A TRANSVERSALIDADE NA ABORDAGEM DO TEMA

Explicaremos como os parâmetros curriculares têm ajudado de forma transversal na abordagem da educação sexual. Tão grande é a preocupação que este assunto tornou-se tema de um dos parâmetros curriculares, pois o mesmo tem percebido a importância de se trabalhar orientação sexual. São considerados temas transversais Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Estudos Econômicos.

Os temas transversais não são disciplinas, portanto devem ser abordados dentro das disciplinas desenvolvidas de acordo com as áreas específicas de cada disciplina. Os temas transversais são de valor formativo que devem ser trabalhados a partir do currículo escolar.

Segundo os Parâmetros Curriculares (1997 apud Nunes; Silva 2000) a orientação sexual deve ser de maneira sistemática simples e direta e deve se dar de duas formas: dentro da programação do currículo escolar e extra programação (ou seja, sempre que surgirem dúvidas a este respeito).

Para as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2009), a criança é entendida como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. As diretrizes manifestam a importância das crianças na centralidade do planejamento curricular e percebe-se na Política Nacional e Diretrizes Curriculares (DCNEI, 2009) o enfoque da criança na centralidade do processo educativo e, esta por sua vez, é tida como possuidora de direitos, um sujeito histórico-social, produtor de cultura, ou seja, um ser capaz de inferir sobre mundo ativamente desde a tenra idade e contribuir para o planejamento curricular e institucional. Esta descrição expressa pelas vias interministeriais possibilita entender a criança como um sujeito presentificado e, muitas vezes, idealizada, mas também um sujeito que almeja produzir.

Quando se trata do descobrimento da sexualidade das crianças há um tabu que se abre perante pais e professores por não saberem até onde podem explicar as dúvidas das crianças. É um momento que família e escola se sentem constrangidas em explicar a criança sobre seu corpo, adiando e transferindo essa responsabilidade. Família por medo de aflorar a sexualidade da criança, escola medo de repressões por parte da família.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional de Orientação Sexual (BRASIL, 2000 p. 124),

Por entender que a abordagem oferecida acontece a partir de uma visão pluralista se sexualidade e o papel as escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa se expressar, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. Antes, caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir as sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias.

A finalidade do PCN e seu principal objetivo é trazer informações sobre o corpo e assuntos ligados à sexualidade. Deve ser um instrumento para instruir, orientar os professores e levar aos alunos conhecimento e compreensão do seu próprio corpo.

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamento e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho. A orientação sexual não diretiva aqui proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. (BRASIL, 2000, p. 121)

O tema sexualidade de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais vem sendo discutido há décadas e deve ser abordado primeiramente no espaço privado pela família. A escola vem com o papel de transmitir e realizar trabalhos relacionados às reflexões referentes à educação sexual, não devendo substituir e nem disputar com a educação dada em casa, cada uma com sua função no aprendizado da criança.

Para que na escola esse trabalho tenha sucesso o professor precisa estabelecer uma relação de confiança com seu aluno. Portanto família e escola devem ter uma aliança para que ambos possam trocar ideias e experiências a respeito do aluno para que possam junto prepara-los para a vida adulta (BRASIL, 1997).

De acordo com Nunes; Silva (2000)

A transversalidade do tema sexualidade está principalmente na característica da complexidade e da abrangência do tema. A atenção curricular à sexualidade humana é uma conquista que demorou em se efetivar, talvez não esteja vivendo a melhor forma de abordagem da sexualidade através da transversalidade, mas este é, com certeza, um momento histórico importante para nos aproximarmos de algo efetivo, no sentido e direção de uma educação emancipatória. (NUNES; SILVA, 2000, p.65).

Nos tempos atuais há a necessidade de englobar os temas transversais para que a escola ajude na formação de cidadãos conscientes, quando a educação sexual é trabalhada nas escolas, os alunos se tornam conscientes e assim poderemos ter uma diminuição de gravidez na adolescência e também de doenças sexualmente transmissíveis.

#### **4 EXPERIÊNCIAS SOBRE SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Pretende-se com este trabalho sobre sexualidade na Educação Infantil relatar sobre os impasses dos professores e pais diante das questões das crianças sobre o descobrimento do seu corpo.

A escolha pelo tema Sexualidade na Educação Infantil: Impasses dos professores e pais diante das questões das crianças nos chamou atenção, pois com frequência percebíamos a apatia e o despreparo dos profissionais no que tange o trabalho com este tema, em sala de aula.

No contexto da escola a criança socializa e interage com outros indivíduos da mesma faixa etária, a troca de cultura e valores que pode vir a surgir dúvidas que as mesmas tiram umas com as outras, em um momento de descontração e sem a presença de seus pais. Nesse sentido, as mesmas fazem descobertas a respeito de seu próprio corpo e do corpo do outro. Muitos professores se deparam com alunos mostrando suas partes íntimas para o colega, e espantados com a situação ficam atônitos, mesmo sabendo da importância dos esclarecimentos acerca da sexualidade.

É importante que a criança possa compreender o papel da escola na abordagem de temas sobre a sexualidade infantil. Os professores muitas vezes tem que orientar a criança na descoberta do seu próprio corpo, no contexto da Educação Infantil. A família é ponto importante quanto à orientação sexual da criança. É dever da escola incentivar a formação de docentes capacitando-os para a tarefa de orientação sexual no ensino aprendizagem. A temática de orientação sexual deve fazer parte das novas práticas pedagógicas e metodologias neste contexto.

Entretanto, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.123):

[...] É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente deste tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação sexual.

A orientação serve como embasamento para que professores possam realizar tal tarefa de forma significativa para os educandos, pois poderão contar com alguém que consiga responder de forma clara suas dúvidas e indagações, sem puni-los ou reprimi-los o que é muito comum em algumas famílias em que os pais preferem punir e chamar as descobertas das crianças sobre sexualidade como algo sujo e feio, não compreendendo que são essas descobertas que os mesmos levarão para a fase adulta.

Alguns episódios como por que Victor usa cueca e eu uso calcinha? Por que Victor faz xixi em pé e eu tenho que sentar no vaso para fazer xixi? Isso acontece frequentemente no contexto escolar e são considerados momentos de descobertas que devem ser orientados e vigiados por adultos, pois, muitas crianças se descobrem na escola, e infelizmente, muitos pais não veem a necessidade de abordarem este assunto com as crianças, pois acham que as mesmas não têm curiosidades a respeito do tema.

A intervenção do educador nessas situações deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas do convívio escolar. Não se trata, portanto de julgar tais manifestações, mas apenas de delimitar a inadequação do espaço da escola para sua efetivação. Cabe ao educador compreender, então, que não se trata de aberração que justifique informar os pais sobre tais fatos, devendo a própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A chamada dos pais só se justifica quando forem práticas muito recorrentes e estejam interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno (BRASIL, 1997, p. 130).

Portanto, a escola deve respeitar e orientar seus alunos sobre esses momentos, estabelecendo regras e a família deve ser acionada no momento em que essas descobertas atrapalhem o desempenho do aluno nas atividades escolares.

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) sobre orientação sexual ampara o professor para que o mesmo possa saber como agir nestes casos.

[...] Observa-se que as crianças reproduzem manifestações de sexualidade adulta vistas na TV ou presenciadas. Cabe ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta. Essa intervenção deve esclarecer as dúvidas do(s) aluno(s) e, se o tema for interesse geral, o professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento.(BRASIL, 1997, p. 131).

Em muitos casos de sexualidade na infância é preciso a intervenção de profissionais especializados, pois a criança não tem noção se pode ou não fazer algo em determinado lugar e faz sem se importar com quem está vendo ou em que local ela está, tornando-se algo vicioso.

Sabe-se que o prazer do adulto está além do físico, à excitação passa pela fantasia. Para a criança esse processo é diferente, é apenas uma experiência sensorial: a criança descobre que é gostoso e vai repetir. Cabe a cada professor decidir o que fazer e como fazer.

Observa-se que há casos sobre as manifestações de sexualidade na infância são mais frequentes do que esperávamos. Ocorrem constantemente, e alguns profissionais fecham os olhos e deixam acontecer, sem intervir por não saberem lidar com a situação.

Ao entrar no mundo da escola a criança vê aumentar a dimensão de seu próprio mundo e os ampliar o aspecto dos interlocutores de sua formação. Vê a si e nos outros, meninos e meninas, que não são os da sua casa e nem fazem parte de seu convívio familiar, com o qual esteve em relação direta até então, e encontra-se frente à figura da “professora”, que assimilará como uma instituição de poder e influências no mesmo grau de seus pais. (NUNES; SILVA, 2006, p.96).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997 p. 143)

[...] As crianças vivem suas curiosidades e interesses na área da sexualidade em momentos próprios e diferentes umas das outras, ocorrendo muitas vezes estudo e a discussão de um tema com pouca apropriação desse conhecimento para algumas. A retomada é importante e deve ser feita sempre que as questões trazidas pelos alunos apontarem sua pertinência.

O professor deve estar atento para o momento de conversar com seus alunos sobre sexualidade, pois cada um tem seu tempo para despertar tal curiosidade. O mesmo deve intervir junto às crianças que estejam com curiosidades voltando a este assunto sempre que um aluno lhe procurar com dúvidas.

Se julgar necessário, o educador pode convidar os pais para uma reunião a fim de discutirem e tentarem elucidar as questões apresentadas pela criança sem, no entanto, gerar constrangimentos.

Segundo Nunes; Silva (2000, p.97)

A melhor orientação sexual nesta fase é a de tratar com naturalidade estas expressões infantis, proporcionando às crianças as respostas às suas perguntas e trabalhando em sua formação social, afetiva e intelectual. Quando as crianças perguntam sobre a diferença entre os sexos deve-se responder com tranquilidade e de maneira compreensiva e acessível, falando sempre a verdade e evitando exemplos de diminuição, castigo ou doença.

A educação sexual para a escola é um desafio, devido às crenças, culturas, valores, comportamentos que são emitidos pela sociedade local. A escola vem agregando conhecimentos sobre a sexualidade mais que muitas vezes se torna de difícil acesso para os professores.

Segundo Nunes; Silva (2000, pág. 126), A educação sexual só acontece quando assumida pela escola toda, como dimensão básica é fundamental do processo humano e educativo. Não há educação sexual voluntarista ou espontaneísta. Agora é necessário compreender que educação sexual não resume a um conjunto de informações médico biológicas, nem terapeutas-descompressivas.

Todos têm direito à informação, e quando uma criança questiona a algum adulto sobre algo ela quer entender o que está acontecendo, dizemos que é a fase do “porque”, pois ao explicar sobre um questionamento da criança ela sempre quer saber por que isso está acontecendo. Portanto pais e professores devem se atentar para tal questionamento e indagações explicando de forma clara e objetiva tais perguntas.

#### 4.1 OBSERVAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Portanto, esta pesquisa bibliográfica que contará com levantamento realizado com professores de Educação Infantil da rede municipal de Serra/ES sobre o tema. As propostas do CMEI Cantinho do Saber em relação à sexualidade infantil no contexto escolar, uma vez que atende crianças de 01 (um) a 03 (três) anos de idade, sendo que um dos objetivos é ter um olhar para a criança como um sujeito ativo social que tem o brincar e os diferentes saberes como a chave de construir e reconstruir as suas experiências e conhecimentos. O professor aproveita esse interesse espontâneo da criança e traz para a sala de aula a postura de quem faz ciência, ou

seja, não ter todas as respostas prontas, mas apresentar disponibilidade intelectual para a busca das alternativas, das respostas possíveis ou encaminhamentos de soluções. O diálogo é seu ponto comum.

O diálogo na sala de aula entre professor e aluno e na escola, onde os professores possam refletir sobre temas específicos para a construção conjunta e a aceitação de diversos pontos de vista. O diálogo é essencial e faz com que o conhecimento adentre a sala de aula, e como observador, o professor reflete no seu fazer no presente ou na preparação para o futuro, despertando o desejo pelo processo de ensino e aprendizagem que busca a formação de todos os seus alunos, que busca superar as limitações de diversas ordens, com uma atitude constante de formação contínua para o trabalho de ensinar.

No primeiro momento da pesquisa com os professores do CMEI Cantinho do saber onde foram realizadas as observações, foi caracterizado pela escuta de seus relatos e daquilo que nomeavam como “problemas” envolvendo sexualidade, constataram que eles também associavam sexualidade a sexo. As crianças têm acesso a cenas, que são transmitidas, por exemplo, em novelas e filmes da sessão da tarde e fazem perguntas. Algumas das perguntas que elas fazem sobre sexo hoje, se fizessem na infância de antigamente apanhariam na boca.

Antigamente falar sobre sexo na infância era uma polêmica, pois, os pais eram rígidos e não dava abertura para tal assunto. Quando fazia alguma pergunta o castigo vinha logo a seguir. Nunca se ouvia falar pelos pais sobre qualquer assunto relacionado à sexualidade, penso que os mesmos não tinham conhecimento para responder as perguntas que os filhos faziam. Para eles era imoralidade o assunto.

Durante o tempo de pesquisa no CMEI, percebe-se que o cuidado em relação à sexualidade é muito grande e os professores muitas vezes são pegos de surpresa com algumas perguntas ou atos que as crianças fazem. Hoje muitos pais não tem receio de falar certos assuntos perto dos filhos, e muitas crianças relatam que vê sua mãe beijando o pai, ou, a mãe beijando o namorado, e até mesmo relatam cenas de novelas que deveria ser vista para maiores. No mundo em que tudo é moderno muitas famílias não escondem certos assuntos dos filhos. Antigamente a

criança acreditava que o bebê era trazido pela cegonha e hoje eles já sabem que fica dentro da barriga da mãe, e até mesmo, que o papai tem que dormir com a mamãe, assuntos que alguns anos atrás eram restritos somente ao casal dentro de quatro paredes. As crianças chegam à escola aos 02 (dois) anos de idade sabendo que a mãe está com um bebê dentro da barriga, isto quando o professor tem que se preparar para os cuidados de um com o outro, porque às vezes querem fazer o que veem os pais fazendo em casa na frente deles.

Na pesquisa com os professores do CMEI Cantinho do saber onde foram realizadas algumas observações, a partir de uma delas, pode-se vivenciar uma situação em que duas crianças de três anos se esconderam atrás da porta para se beijar na boca e se acariciarem, situação esta que causa certo constrangimento, sem saber como agir.

O caso foi passado imediatamente para a professora regente, onde a mesma saiu da sala com as crianças para conversarem e distraí-las. À mesma levantou questionamento se os educadores da educação infantil, de escolas públicas e privadas que atuam com crianças desta faixa etária estão realmente preparados para intervir efetivamente diante de situações em que seus alunos apresentem algum comportamento que manifeste a sexualidade.

Estas são situações rotineiras no desenvolvimento infantil, porém, é um assunto ainda complexo nas escolas, mas que faz parte do cotidiano da sala de aula e precisa ser encarado pelos educadores e pais.

A escola precisa saber abordar os pais ao falarem desse assunto, de forma que não venha deixá-los constrangidos, pois cada família pensa nesse assunto de formas diferentes, uns acham que é pecado, até mesmo devido as suas crenças, muitos até batem na criança ao chegar a casa ou repreendem de outras formas que em nada ajuda no seu desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança.

Por isso, esta pesquisa é de extrema importância para a carreira profissional, para o desenvolvimento e amadurecimento até mesmo como mãe, uma de nós, hoje, enfrenta o mesmo desafio, com uma criança de três anos de idade que está descobrindo seu corpo. O marido não entende e nem nós em alguns momentos

sabemos o que fazer, bater, gritar, deixar de castigo, conversar ou distrair. Lidar com sexualidade infantil é mesmo um desafio.

Esse fato é frequente em sala de aula, em casa, e uma criança que não recebe orientação clara, saudável, pode se frustrar e procurar outros meios para sanar suas curiosidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema a sexualidade na educação infantil: impasses dos professores e pais diante das questões das crianças tiveram como intuito aprofundar nesta temática, para entender como professores têm reagido diante destas questões.

Sabemos que muitos tabus surgem por parte da família e até mesmo por parte da escola sobre este tema, no entanto cabe a escola e a família a orientação a este respeito, porque quando ambos se calam ou reprimem, a criança procurará outros meios para sanar suas dúvidas podendo vir a encontrar respostas errôneas ou indevidas para tais dúvidas.

Muitos professores têm dificuldades de falar a respeito da orientação sexual na Educação Infantil. No entanto cabe aos professores tal ofício, pois o mesmo é responsável pela informação do educando, que deve ser de forma clara e objetiva sem que a criança entenda errado, fique inibida, culpada e não entenda que a sexualidade faz parte da vida.

Defendemos também a formação continuada, pois professores devem sempre estar se reciclando e esta é entendida por nós como uma das melhores estratégias de ação. A formação permite a troca de experiências inclusive com profissionais de outras áreas tais como médicos psicólogos.

Essas informações devem ser estendidas também à família para que possam entender a importância de explicar tais descobertas e questionamentos às crianças, sem reprimi-las, orientando-as da melhor maneira. A orientação sexual pode prevenir situações de abuso e pedofilia, casos infelizmente frequentes em nossa sociedade.

Ocorreu um caso em que o CMEI Cantinho do Saber realizou uma palestra relacionada aos temas mais comuns na educação infantil, e percebemos o descaso de alguns profissionais no não comparecimento ao local estipulado pela escola.

Essas formações servem para instruir os professores sobre temas que hoje são necessários para que haja um entendimento melhor sobre todo o processo na educação infantil, seus pontos positivos e negativos, qual a importância do professor estar preparado adequadamente para instruir as crianças para que as mesmas possam superar suas dúvidas, ansiedades, pois as crianças chegam na escola com várias curiosidades sobre a sexualidade.

Há uma preocupação por partes dos professores de como o desenvolvimento da sexualidade infantil vem avançando, estas manifestações estão cada vez mais presentes em sala de aula e os professores necessitam buscar orientação, pesquisar sobre o tema, para tentar sanar os problemas advindos da sexualidade e que atingem as crianças.

Quando surge alguma situação sobre sexualidade na Educação Infantil, significa que o professor irá enfrentar uma série de questões, uma delas é que se aprofundar no assunto muitos pais podem não gostar e ter outro olhar, também um dos pontos importantes é que os professores não estão preparados para lidar com as situações. O melhor é a escola fazer um trabalho em parceria com as famílias, pois, cada uma tem seus preconceitos, tabus e crenças que impedem do professor avançar no assunto. O professor deve sim, ficar atento as crianças e procurar desviar o assunto direcionado as atividades propostas do dia.

## 6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, LBP. **Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. 193p.<http://books.scielo.org>. Acesso em 10 de Março de 2015.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda, **História da Educação**, São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- ARCE, Alessandra, FRIEDRICH, Froebel, **O Pedagogo dos Jardins de Infância**, Petrópolis Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- ÁRIES, Philippe, **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro: Editora LTC, 1978.
- AQUINO, Júlio Groppa, **Sexualidade Na Escola: alternativas teóricas e prática**, São Paulo: Editora Sumus, 1997.
- BAVIS, Cláudia, OLIVEIRA, Zilma de **Psicologia na Educação**, São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria De Lourdes Trassi, **Psicologias: uma Introdução ao Estudo de Psicologias**, São Paulo: Editora Saraiva 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. DCNEI - **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2009.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC SEF, 1998.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual/ Secretaria de Educação Fundamental**. Rio de Janeiro: MEC SEF, 2000.
- BRASILEIRO, Emídio; BRASILEIRO, Marislei, **Educação Sexual**, Goiana: Editora R&F, 2001.
- CARRARA, Kester (organizador), **Introdução à psicologia da educação**, São Paulo: Editora Avercamp, 2004.
- CHIZZOTTI, Antônio, **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**, São Paulo: Editora Cortez, 1998.
- COHANI, Clarice, **Antropologia da Criança**, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.

CÓRIA-SABIN, Maria Aparecida, **Fundamentos de Psicologia Educacional**, São Paulo: Editora Ática, 1991.

\_\_\_\_\_ **Psicologia do Desenvolvimento**, São Paulo: Editora Ática, 2001.

COSTA, Moacir, **Sexualidade na Adolescência: dilemas e crescimento**, Porto Alegre: Editora L&PM, 1997.

CUNHA, Marcus Vinícius, **Psicologia da Educação**, Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes, **Literatura Infantil Teoria e Prática**, São Paulo: Editora Ática, 1999.

GADOTTI, Moacir, **Pedagogia da práxis**, São Paulo, Editora Cortez: 2010.

GHIRALDELLI, Júnior Paulo, **Infância, Escola e Modernidade**, São Paulo: Editora Cortez, 1997.

GOLDENBERG, Miriam, **Arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**, Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

GOLSE, B. trad. Maria Lúcia Homem, **O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança**, Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LOURO, Guacira Lopes, **Gênero, Sexualidade e Educação**. 2ª Ed. Editora Vozes, 1996.

MAIA, Gerson Lopes Mônica, **Conversando com a criança sobre sexo. Quem vai Responder?** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

NUNES, Cesar; SILVA, Edna, **Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**, Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2006.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos, **História da Educação Brasileira**, São Paulo: Editora AutoresAssociados, 1998.

RUDIL, Victor Fraz, **Introdução ao projeto de pesquisa científica**, Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

SANTOS, Clóvis Roberto dos, **Educação Escolar Brasileira**, São Paulo: Editora Pioneira, 2003.

SARTORI, Cristina Helena Guimarães, **Entrada da criança na escola e período de adaptação**, Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2001.

SCHERER, René, **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do trabalho científico**, São Paulo: Editora Cortez, 2013.

SILVA, Ricardo Castro e, **Orientação Sexual (Possibilidades de mudança na escola)**, Campinas, São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2002.

ROSSEAU, Jean-Jacques, **Rosseau: a educação na infância**, São Paulo: Editora Scipione, 1990.

WEREBE, Maria José Garcia, **Sexualidade, Política e Educação**, São Paulo: Editora Autores Associados, 1998.

MEIRA, Luís B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**, João Pessoa: Editora Autor Associado, 2002.